

COESÃO GRAMATICAL NA LIBRAS: EM FOCO O TIPO SUBSTITUIÇÃO

COHESIÓN GRAMATICAL EN LIBRAS: ENFOQUE EN EL TIPO DE SUSTITUCIÓN

GRAMMATICAL COHESION IN LIBRAS: FOCUS ON THE SUBSTITUTION TYPE

Charley Pereira Soares*
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: A presente pesquisa buscou investigar a coesão gramatical sinalizada, na Libras, por meio da substituição. O referencial teórico ancora-se, sobremaneira, nas ponderações discursivas de Halliday e Hasan (1976), por apresentarem os seguintes tipos de coesões: (i) referencial, (ii) substitutiva, (iii) elíptica, (iv) conjuntiva e (v) lexical, abrangendo quaisquer línguas naturais. Nesse sentido, por meio da metodologia qualitativa, foi feita análise de excerto textual narrativo oriundos de vídeos produzidos por uma pessoa surda sinalizante nativa e fluente em Libras, relacionado a suas experiências de vida, extraídos do Corpus da Libras organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, mais especificamente do Projeto Surdos de Referência. A coesão gramatical de substituição, escolhida para ser o centro desta discussão, se mostrou extremamente produtiva, por desempenhar o uso de incorporação ou *role shift*. Em suma, foi possível concluir que esses mecanismos de coesão auxiliam o sinalizante a produzir enunciados que corroboram para uma compreensão mais clara do texto por surdo.

PALAVRAS-CHAVE: Coesão textual. Substituição. Libras. Role shift. Coesão gramatical.

RESUMEN: La presente investigación buscó investigar la cohesión gramatical señalada, en Libras, a través de la sustitución. El marco teórico está anclado, sobre todo, en las consideraciones discursivas de Halliday y Hasan (1976), en tanto presentan los siguientes tipos de cohesión: (i) referencial, (ii) sustitutiva, (iii) elíptica, (iv) conjuntiva y (v) léxico, que abarca cualquier lengua natural. En ese sentido, a través de una metodología cualitativa, se analizó un extracto textual narrativo de videos producidos por una persona sorda que habla lenguaje de señas nativo y fluido en Libras, relacionado con sus experiencias de vida, extraído del Corpus da Libras organizado por la Universidad Federal de Santa Catarina, más específicamente del Proyecto de Referencia de Sordos. La cohesión gramatical de sustitución, escogida para ser el centro de esta discusión, se mostró sumamente productiva, ya que realiza el uso de incorporación o cambio de rol. En resumen, fue posible concluir que estos mecanismos de cohesión ayudan al firmante a producir enunciados que apoyan una comprensión más clara del texto por parte de la persona sorda.

PALABRAS CLAVE: Cohesión textual; Sustitución. Libras. Cambio de roles. Cohesión gramatical.

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), lotado na Faculdade de Letras (FALE). E-mail: charley.psoares@gmail.com.

ABSTRACT: The present research sought to investigate the grammatical cohesion signaled, in Libras, through substitution. The theoretical framework is largely based on the discursive considerations of Halliday and Hasan (1976), as they present the following types of cohesion: (i) referential, (ii) substitutive, (iii) elliptical, (iv) conjunctive and (v) lexical, covering any natural languages. In this sense, through the qualitative methodology, an analysis was made of a narrative textual excerpt from videos produced by a deaf person who is a native signer and fluent in Libras, related to his life experiences, extracted from the Corpus da Libras organized by the Federal University of Santa Catarina, more specifically from the Deaf Reference Project. The grammatical cohesion of substitution, chosen to be the center of this discussion, proved to be extremely productive, for performing the use of incorporation or role shift. In short, it was possible to conclude that these cohesion mechanisms help the signer to produce statements that support a clearer understanding of the text by the deaf.

KEYWORDS: Textual cohesion. Substitution. Libras. Role shift. Grammatical cohesion.

1 INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DE PESQUISA DA LÍNGUA DE SINAIS

A linguagem humana abriga as línguas de sinais por sua natureza e concepção, na qual elementos de interação face a face, como o contato visual, a expressão facial, a postura, o movimento corporal e manual, são primordiais para a sua composição (Slobin, 2015). Essa língua natural não é uma mera pantomima, mas apresenta, comprovadamente, uma estrutura gramatical (Tervoort, 1953; Stokoe, 1960).

As pesquisas em/sobre língua de sinais têm alcançado discussões a respeito dos diferentes níveis de análise linguística (Sandler; Lillo-Martin, 2006). Todavia, ainda é escassa a abordagem a respeito da coesão e da coerência em língua de sinais.

Independentemente de quais sejam as modalidades da língua, todas podem ser meios e alvos de investigações. Ted Supalla (2020) traça uma comparação entre as línguas de diferentes modalidades, como apresentado no Quadro 1, a seguir.

Aspecto linguístico	Sinalizada	Falada
Input:	Visual	Audição
Output:	Manual Digital Face	Boca Língua Trato vocal
Processamento de informação:	Fluxo lento com informações espaciais	Fluxo rápido

Quadro 1: Comparação das línguas com as suas diferentes modalidades

Fonte: Supalla (2020)

As línguas de sinais possuem um complexo sistema gramatical, assim como as línguas faladas. A diferença é ressaltada pela dimensão espacial e a possibilidade de articulação visual, manual e não-manual como parâmetro linguístico, além da sua característica de simultaneidade (cf. e.g., Brentari 1998; Wilbur, 2000; Meier, 2002; Aronoff *et al.*, 2005; Sandler; Lillo-Martin, 2006).

Um dos primeiros linguistas a pesquisar uma língua de modalidade gestual-visual foi o estadunidense William Stokoe. Para ele, “[...] a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30). Devido a esses estudos pioneiros, hoje as línguas de sinais estão no mesmo patamar de reconhecimento nos estudos linguísticos que as línguas orais-auditivas, possuindo seus valores e distinções, além de serem uma nova e promissora área na perspectiva da linguagem humana.

No Brasil, tem-se a Língua Brasileira de Sinais (Libras) reconhecida e regulamentada como língua de expressão e de comunicação da comunidade surda (Brasil, 2002) e surdocega no país¹. As primeiras pesquisas de dimensão linguística da Libras abordavam

¹ Vale ressaltar que, apesar de a Libras ser a língua de sinais legalmente reconhecida no Brasil, existem outras, como línguas de sinais indígenas, línguas de sinais emergentes, línguas de sinais caseiras etc.

estudos relacionados à gramática, à fonologia e à aquisição de língua (Felipe, 1988; Brito, 1995; Quadros, 1999). Com o passar dos anos, outras temáticas ganharam espaço, entretanto, a linguística textual, em especial, praticamente não tem sido tratada nas pesquisas referentes às línguas de sinais, com exceção de Winston (1991) e de Morgan (1998, 2000), que abordaram a coesão da forma referencial-espacial na Língua de Sinais Americana (ASL), a coesão referencial articulada com a produção discursiva em crianças surdas usuárias nativas da Língua de Sinais Britânica (BSL) e a coesão no discurso de crianças bilíngues bimodais filhas de pais surdos.

Pesquisas e análises que tratam estritamente a coesão nos discursos sinalizados em Libras ainda são incipientes. O que tem sido estudado por alguns autores, tal como Meirelles e Spinillo (2004), Almeida, Filasi e Almeida (2009), Andrade, Aguiar e Madeiro (2011) e Santos (2013), é a coesão textual na escrita do português por estudantes surdos como segunda língua, em que é evidenciada certa influência da Libras nesse processo.

Muitos cursos, sejam de formação acadêmica inicial ou continuada, sejam de formação em extensão, sejam em gramática, sejam em materiais didáticos, inclusive referentes ao ensino de Libras, não exploram as questões da coesão e da coerência de forma satisfatória e a função/identificação dos conectores na organização do texto² sinalizado como um todo. Devido a essa insuficiência de estudos e pesquisas na área, podemos pensar sobre quais são os mecanismos de coesão gramatical e lexical empregados para conectar os blocos e as ideias de um texto sinalizado.

Nesse sentido, este artigo intenta analisar a coesão na Libras por substituição, sob a luz das relações textuais e dos procedimentos que desembocam em recursos linguísticos capazes de evidenciar maior clareza das ideias em um texto (Halliday; Matthiessen, 2014). Para tal, serão empregados, como corpus, registros de aspectos tipológicos textuais sinalizados, tendo como base fundamentos teóricos como os estudos linguísticos de Halliday e Hasan (1976), Fávero (2002), Eggins (2004), Antunes (2005), Halliday e Matthiessen (2014) e Koch (2014).

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICOS: DEFINIÇÃO E O MECANISMO DE COESÃO TEXTUAL

O texto é tido como unidade máxima de funcionamento da língua, abarcando a conexão sintática entre os elementos gramaticais. Halliday e Hasan (1976) ressaltam que o texto e a frase não diferem apenas em tamanho do objeto linguístico, mas na natureza desse. Segundo os autores, a frase é coesiva, tem uma estrutura bem formatada (boa formação textual).

Halliday e Hasan (1976, p. 52) definem o texto como a “linguagem que é ‘funcional’. Por linguagem funcional, queremos referir aquela linguagem que cumpre alguma função em algum contexto”. Os autores afirmam que é possível determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto e as relações coesivas com e entre as sentenças, que criam a textura: “[...] um texto tem uma textura e é isto que o distingue de um não texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão” (Halliday; Hasan, 1976, p. 2). Podemos descrever, de acordo com Koch (2014, p. 18), que “[o] conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. É uma análise detalhada de descrição linguística gramatical da frase, não sendo, portanto, uma mera sequência de frases desconexas, mas uma unidade linguística com propriedade estruturada textualmente e associada a um processo de produção e de interpretação dos mecanismos e dos modelos cognitivos envolvidos nesse encadeamento.

Considerando essas questões, Halliday e Hasan (1976) ressaltam que a coesão textual é um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como tal. Segundo eles, “[a] coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente de outro”³. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro, estabelecendo relações de significado.

² De acordo com Koch (1984), entende-se o texto como um ato comunicativo capaz de manifestar qualquer ideia por meio da linguagem escrita, falada ou sinalizada.

³ Dependente de outro que o antecede (coesão anafórica) ou que o segue (coesão catafórica) (Halliday; Hasan, 1976).

Os mesmos autores propõem uma analogia da coesão a um laço, no intuito de mostrar que, no texto, todos os segmentos precisam estar conectados uns aos outros. Nesse sentido, a coesão também se encaixa como parte do sistema de expressão da Libras, uma vez que essa é uma língua que possui um sistema léxico-gramatical e relações semânticas. No entanto, Marcuschi (1983) deixa claro que a coesão é um eixo estruturador da sequência superficial do texto, não se limitando a um fator sintático, mas a uma “espécie de semântica da sintaxe textual, onde se analisa como as pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos” (p. 25).

Dessa forma, esse elemento (coesão) busca engendrar a continuidade, a progressão e a unidade semântica, relacionando-se com o aspecto local dos segmentos textuais e com o texto como um todo (Antunes, 2005; Santos, 2013).

De acordo com Halliday e Hasan (1976), um texto será coeso quando este se articular e se organizar em relações textuais por meio de procedimentos que possibilitem diferentes recursos. Essas relações são: (i) referência; (ii) substituição; (iii) elipse; (iv) conjunção, que se trata da ligação configurada entre orações, parágrafos por meio de preposições e conjunções; e (v) coesão lexical, que se relaciona com a reiteração, momento em que os elementos do texto são retomados, possibilitando uma recursividade de ideias, com colocação, que se trata de uma relação semântica estabelecida no texto, contribuindo para sua unidade. Ainda, segundo os autores, há alguns métodos de demonstração das relações textuais (procedimentos) e formas concretas que esses procedimentos se realizam (recursos) para melhorar a caracterização textual. Todavia, nem sempre todos os procedimentos serão encontrados no texto a que se deseja analisar. Essas considerações são abordadas na Figura 1.

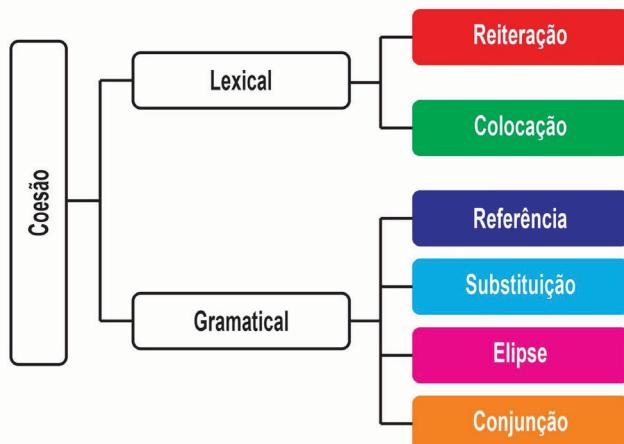


Figura 1: A propriedade da coesão do texto, relações, procedimentos e recursos (Halliday; Hasan, 1976)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Halliday e Hasan (1976)

Essas relações também podem ser identificadas nas línguas de sinais, embora não tenhamos encontrado registros resultantes de pesquisas abordando todos esses aspectos. Neste artigo, as relações na Libras serão apresentadas, discutindo também os elementos que são usados em função da especificidade da modalidade da língua.

A reiteração possui como procedimento coesivo a repetição, o sinônimo, e os hiperônimo/hipônimo, pautando-se na possibilidade de retornar a um segmento anterior do texto, garantindo a permanência de algum elemento do mesmo conteúdo ou modo, seja por meio da paráfrase, do paralelismo ou da repetição propriamente dita. A substituição se firma na variância de lexemas, podendo ocorrer pela substituição por um nominal, verbal e oracional (Halliday; Hasan, 1976).

A colocação possui como eixo norteador o procedimento de seleção lexical, pois implica em relações semânticas entre as unidades como substantivos, verbos, adjetivos (Halliday; Hasan, 1976).

Por fim, segundo Antunes (2005), a conexão terá as relações sintático-semânticas entre as orações e os parágrafos como procedimento para possibilitar a sequência lógica e concatenação de ideias. Mesmo sabendo dessas relações sintático-semânticas e

dos procedimentos geradores de recursos, Antunes (2005) e Marcuschi (2008) alertam que, por mais que exista ou se proponham formas de identificar e favorecer a coesão textual, esta não se restringe ao acréscimo/exclusão de lexemas ou de conectores, mas engloba uma teia de conhecimentos e de informações construídas pelas interações dialógicas.

Halliday e Hasan (1976) propõem a existência de duas grandes modalidades de coesão: a coesão lexical (aspectos mais especificamente semânticos) e a coesão gramatical (aspectos com mais elementos conectivos). Demonstramos, neste trabalho, a coesão de substituição.

Segundo Halliday e Hasan (1976, p. 11), existe coesão “[...] onde a interpretação de qualquer item no discurso requer fazer referência a algum outro item do discurso”. Beaugrande e Dressler (1981, p. 3) afirmam que “[...] os componentes superficiais dependem uns dos outros de acordo com as formas gramaticais e convenções, de modo que a coesão se baseia em dependências gramaticais”. Isso significa que o conhecimento sintático de um usuário de linguagem desempenha um papel importante na construção de relações sobre conhecimento linguístico e de mundo.

Jackson (1990, p. 252) refere-se ao fato de que um “[...] vínculo é formado entre uma sentença e outra porque a interpretação de uma sentença depende ou é informada por algum item em uma sentença anterior – geralmente a anterior”. Halliday e Hasan (1976, p. 8) também argumentam que esse vínculo é de natureza semântica, sendo a coesão “[...] uma relação semântica entre um elemento e outro no texto e algum outro elemento que é crucial para a interpretação do mesmo”. Esse outro elemento também deve ser encontrado no texto, mas a sua localização no texto não é de forma alguma determinada pela estrutura gramatical.

Halliday e Hasan (1976, p. 13) afirmam ainda que o “[...] conceito de coesão explica as relações semânticas essenciais pelas quais qualquer passagem de fala ou escrita é habilitada a funcionar como texto ‘e que este conceito é sistematizado por meio de cinco categorias diferentes distintas’ que fornecem meios práticos para descrever e analisar textos”.

Cada uma dessas categorias é representada no texto por características particulares – repetições, omissões, ocorrências de certas palavras e construções – que têm em comum a propriedade de sinalizar que a interpretação da passagem em questão depende de outra coisa. Se essa “outra coisa” é verbalmente explícita, então há coesão.

As categorias mencionadas se referem a referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. A coesão por referência, por substituição e por elipse são consideradas tipos coesivos que tecem elos de natureza gramatical, pois expressam sentidos mais gerais. A coesão lexical, como o próprio nome já sugere, é considerada um tipo específico de elo coesivo, em que o léxico torna possível a emissão de significados mais específicos, criando associações entre palavras que possuem algum tipo de aspecto semântico comum.

A coesão por referência é tida como um dispositivo coesivo em que há a introdução de um novo item no texto e o subsequente encaminhamento para esse mesmo item, por meio de outro, geralmente em uma forma mais curta, popularmente chamada de “pró-formulário”. Pronomes pessoais, demonstrativos, comparativos, e uma variedade de construções lexicais, como advérbios e adjetivos, são usados para essa função. O efeito de referência está na recuperação da informação (significado referencial) de algum outro lugar da frase ou de uma sentença vizinha, usando uma das estruturas gramaticais mencionadas anteriormente. Dessa forma, infere-se que “[...] a própria coesão está na continuidade da referência pela qual a mesma entra no discurso num segundo (e mais) tempo(s)” (Halliday; Hasan 1976, p. 31).

A coesão referencial tem ferramentas que auxiliam no entendimento do texto. Este tipo pode ser visto como exofórica ou endofórica. A exofórica se preocupa com a coesão que está além do texto, buscando relacioná-lo à situação. A endofórica são as referências encontradas no próprio texto, ou seja, em uma perspectiva intratextual, mas de certa maneira, uma visão superficial do mesmo. Essas referências mostram ao leitor esta relação, causada pelos laços de relações semânticas no texto.

A Figura 2 esquematiza a discussão sobre as referências exofórica e endofórica.

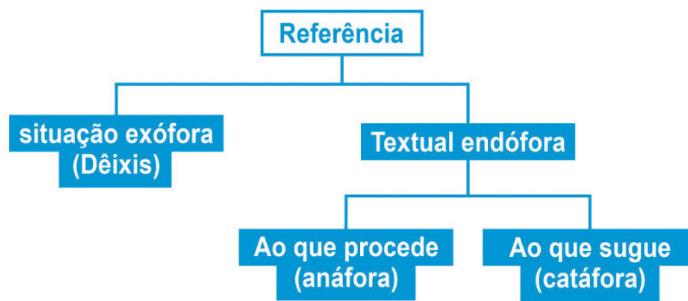


Figura 2: Referência exofórica ou referência endofórica, de acordo com Halliday e Hasan (1976, p.33)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Halliday e Hasan (1976, p. 33)

Neste tipo de coesão, o leitor adota uma visão pragmática quanto à manifestação das ideias em um texto. As coesões referenciais endofóricas possuem um movimento retrospectivo, que inclui referências anafóricas (quando se referem a algo já mencionado) e catáforas (quando antecipam algo que será mencionado). Já as referências exofóricas não se baseiam diretamente nas informações textuais superficiais, mas estabelecem uma coesão situacional, ligada ao contexto externo ao texto. Halliday e Hasan (1976) sugerem que as referências podem ser classificadas como pessoais (devido ao uso de pronomes), demonstrativas (como advérbios de lugar), e comparativas, que expressam singularidades e diferenças. Dessa forma, o leitor consegue interpretar as unidades significativas do texto.

As coesões substitutivas e elípticas são similares. A coesão substitutiva envolve o uso de termos diferentes em relação à coesão referencial, que, por sua vez, utiliza termos distintos, mas com significados iguais. Já a coesão elíptica ocorre quando alguns termos são omitidos, sendo sua ausência entendida a partir do contexto do texto. Halliday e Hasan (1976) destacam a semelhança entre a coesão substitutiva e a elíptica, observando que ambas contribuem para a tessitura coesiva do texto. Para os autores, a elipse pode implicar uma omissão completa (ou nula) de termos, mas sem comprometer o entendimento. Assim, tanto a coesão substitutiva quanto a elíptica são mecanismos intrínsecos ao texto.

A coesão substitutiva, foco deste artigo, possui uma relação linear gramatical com os termos substitutivos, na qual, por inferência, não há alteração de sentido. Esses termos substitutivos possuem três categorias: a nominal, a verbal e a sentencial. Os mecanismos gramaticais dizem que as coesões substitutivas e elípticas são diferentes. Ainda, no caso de substituição, um substituto é basicamente usado “no lugar” de outra palavra/sinal ou frase para evitar a sua repetição. Isso também permite que o texto seja encurtado. Diferentes tipos de substituição podem ser distinguidos como a substituição nominal, a substituição verbal e a substituição oracional.

A elipse se molda a partir de quaisquer falas de um locutor em que há omissões, nas quais o leitor percebe essa pressuposição e não o comunica. Assim, por meio desses mecanismos, pode haver omissão de termos nominais, verbais e locuções verbais. Contudo, na mesma sentença, não existe uniformidade de sentido do texto. Nesse âmbito, elementos em sentenças são fisicamente excluídos/omitidos porque o escritor acredita que o leitor irá inserir os elementos que faltam por si próprio enquanto a sentença é usada (Donnelly, 1994). Neste caso, quem está pressionado a fazer o link coeso é o leitor ou o receptor. Como no caso da substituição, diferentes tipos de reticências podem ser distinguidos como, por exemplo, as elipses nominais, verbais e de causas.

No caso de conjunções, estas e os advérbios são usados para conectar proposições em sentenças vizinhas, de acordo com certas relações semânticas (por exemplo, aditivas, adversativas, causais e temporais) entre as proposições. Os elementos conjuntivos servem para “reforçar e destacar a relação entre outros elementos do texto” (Donnelly, 1994, p. 105). A escolha específica do marcador conjuntivo “fornece ao leitor pistas sobre como o escritor percebe a afirmação a ser relacionada”, ou seja, como ele ou ela acha que o leitor deve entender o texto (Donnelly, 1994).

A coesão por conjunção realiza-se na fronteira entre gramática e léxico, haja vista que organiza a textualidade, proporcionando ligações estruturais entre partes do texto, tecidas por coordenação ou por subordinação. Além disso, aciona elementos do léxico para explicitar as relações de sentido existentes entre as partes interligadas. Todavia, não há atribuição de sentidos aos trechos que interligam, mas explicitam as relações de sentido que há entre esses trechos. É possível várias relações semânticas como adição, adversidade, causa, tempo, condição, dentre outras. Segundo a abordagem funcionalista de Halliday e Hasan (1976, p. 321), a coesão conjuntiva apresenta tipologias distintas, porque não pressupõe eloquência, não podendo inferir qualquer identidade referencial. Assim, não há significado entre os trechos.

Ainda, a coesão lexical refere-se a relações semânticas (como sinônima, antônima, colocação) criadas por itens lexicais específicos. O conhecimento das estruturas semânticas é necessário para entender esse tipo de coesão. Esta coesão abrange as escolhas de vocabulário feitas para produzir um texto. Tal tipo de coesão apresenta dois mecanismos: reiteração e colocação. A primeira se remete a uma repetição de informações, ligadas aos termos de mesmo sentido, como sinônimos ou hiperônimos, denominados itens genéricos. Há um estudo quanto à relação textual criada simplesmente, porque uma palavra se repete, pouco importando a referência semântica exata. Os aspectos da reiteração por repetição não passam despercebidos. De acordo com Halliday e Hasan (1976, p. 283, tradução nossa), “Um item lexical estabelece uma relação coesiva com uma ocorrência precedente do mesmo item, caso tenha ou tendo ou não ambos o mesmo referente; havendo ou não qualquer relacionamento referencial entre eles”⁴.

Já a colocação dialoga com a associação de itens no campo lexical em que cada item apresenta sua própria identidade/marca, contribuindo para a significação geral. Halliday e Hasan (1976) ressaltaram que:

[...] há sempre possibilidades de coesão entre elementos de qualquer par de itens lexicais que estão, de alguma maneira, associados um com o outro na língua. Assim, encontraremos um forte efeito coesivo advindo da proximidade dos membros dos pares seguintes, cuja relação de significado não é fácil de ser classificada: risada... piada..., lâmina... afiada, jardim... cavar, doente... médico [...]5 (Halliday; Hasan, 1976, p. 285, tradução nossa).

A coesão lexical se estabelece, basicamente, pelos mecanismos de substituição e de reiteração, sendo que a reiteração se faz pela repetição de um item lexical, pela sinônima e pela relação hipônimos/hiperônimos e que na colocação se faz associação semântica.

3 METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

A presente pesquisa desenvolveu uma análise da coesão por substituição, utilizando vídeos com registros de sinalizações naturais da Libras empreendidas por surdo.

A seguir, expõe-se os aspectos teóricos-metodológicos que nortearam diretamente esta pesquisa. A abordagem qualitativa se insere como a base deste trabalho, por permitir a compreensão do objeto de estudo.

Os passos metodológicos depreenderam as seguintes etapas: (i) a fase de preparação, ao selecionar os vídeo enquanto configuraram como elementos para o Corpus da Libras elaborado pela UFSC; (ii) a transcrição desses vídeos por meio do *software* gratuito ELAN, permitindo assisti-los repetidas vezes; (iii) a organização dos dados em sequências textuais, em consonância à abordagem qualitativa-interpretativa; e (iv) a análise dos textos, procurando identificar as relações coesivas textuais com o tipo de coesão grammatical da substituição, segundo o modelo de Halliday e Hasan (1976).

⁴Do original: “A lexical item, therefore, coheres with a preceding occurrence of the same item whether or not two have the same referent, or indeed whether or not there is any referential relationship between them”.

⁵ Do original: “There is always the possibility of cohesion between an par of lexical items which are in some way associated with each other in the language. So we will find very marked cohesive effect deriving from the occurrence in proximity with each other of pairs such as the following, whose meaning relation is not easy to classify in systematic semantic terms: laugh... joke, blade... sharp, garde... dig, ill... doctor [...]”

O procedimento teórico e analítico em relação à apropriação dos conceitos se deu em articulação com o referencial teórico, culminando nos resultados e na discussão a serem apresentados.

Adiante, pretende-se explicitar como as construções e os procedimentos teórico-metodológicos aqui empreendidos foram importantes para a descrição e a análise dos dados.

“Narrativa” é um termo que resiste a uma definição precisa (Rissman, 1993), uma vez que, dependendo da área de estudo e do contexto, pode abranger determinados elementos e deixar outros de fora. Polkin-Ghorne (1988) investiga que, mesmo gerando uma definição específica, deve-se considerar a “narrativa” como algo que se refere ao processo de construir uma história ao esquema cognitivo da mesma e ao resultado do processo. Os trabalhos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) foram marcos importantes para a compreensão da estrutura narrativa. Afinal, como propõe o autor, isso “envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos” (Bastos, 2005, p. 81). Entretanto, a mesma pesquisa tem sido objeto de muitas críticas, por pesquisadores de área, que apontam, por exemplo, a ausência de problematização da relação entre o evento passado, a memória e a narrativa.

Tendo em vista que este artigo busca evidenciar a aplicação da técnica de análise linguística, popularizada por Bardin (2011), à coesão sinalizada, caracteriza-se, então, como um estudo de natureza descritiva. Vergara (2005) afirma que a pesquisa descritiva atende de forma mais adequada à intenção desses estudos, que pretendem expor as peculiaridades de determinado fenômeno. Sendo assim, esse formato de pesquisa busca descobrir e observar tais episódios de vida, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los.

Para Nunan (1992, p. 3), “[...] pesquisa é um processo de investigação sistemática, consistindo em três elementos importantes: (1) uma pergunta, problemas e hipóteses, (2) dados, (3) análise e interpretação de dados”. Se um desses elementos não estiver presente, não haverá pesquisa. Ainda, segundo Perry Junior. (2017, p. 8), “[a] pesquisa é o processo pelo qual perguntas são feitas e as respostas alcançadas por meio de coleta, análise e interpretação de dados”.

No âmbito da pesquisa de natureza interpretativa/qualitativa é relevante considerar que o pesquisador está localizado no mundo social, da mesma forma que estão seus dados, ou seja, ele não é um observador à parte, deslocado, sendo integrante do próprio ambiente de pesquisa.

A pesquisa de caráter interpretativo se caracteriza, entre outros aspectos, pelo procedimento de gerar dados e desenvolver análise desses nas práticas de linguagem em determinadas situações sociais, em meio a pessoas que compartilham a linguagem verbal ou sinalizada, criando e convencionando seus significados.

Nesse sentido, uma pesquisa científica pode ser considerada uma atividade básica das ciências nas suas indagações referentes ao objeto de estudo. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca, que define um processo intrinsecamente incompleto e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre a teoria e os dados (Minayo, 1993).

A pesquisa qualitativa tem como objetivo principal interpretar o fenômeno que se observa, descrevendo, compreendendo e significando o problema pelos resultados encontrados acerca da atribuição de sentidos posta pelo pesquisador. Não requer, obrigatoriamente, o uso de métodos e de técnicas estatísticas. Assim, a análise de uma pesquisa interpretativa articula a microanálise de dados coletados com o contexto macro da interação (Gumperz, 2002). O pesquisador é considerado o instrumento-chave por analisar os dados indutivamente. O processo e o seu significado são os focos essenciais de abordagem neste tipo de pesquisa (Gil, 1999). De acordo com a classificação de Gil (1999) e Lakatos e Marconi (1996), infere-se que o presente estudo seja incluído no campo das pesquisas descritivas, uma vez que busca analisar e descrever as expressões linguísticas levando em consideração o valor intencional dessas a partir dos atos de fala e sentido que carregam.

Em relação ao método de busca dos dados desta pesquisa interpretativa/qualitativa, o Corpus da Libras organizado pela UFSC foi acessado, como também o foram as plataformas de conteúdo gerado pelo usuário, já que os surdos se sentem mais confortáveis em

se expressarem usando a língua de sinais em postagens de vídeos. Essa ação potencializa a melhor compreensão e interpretação do discurso, ampliando a interação linguística nessa língua e a relação das sequências textuais (aspectos tipológicos) em Libras.

Foi preciso, como primeiro passo, fazer a seleção do corpus via mídias disponíveis no Corpus da Libras organizado pela UFSC. Esses dados contemplaram atos de fala, conversações, sequências em comunidades discursivas, aspectos tipológicos, dentre outros. Quadros e Stumpf (2014, p. 32) destacam que “[o] corpus da Libras tem como objetivo constituir uma documentação da Libras abrangente e consistente, bem como sistematizar os procedimentos de registros, documentação e recuperação de dados e metadados relativos à Libras”.

Nesse sentido, a intenção foi identificar alguns elementos de cunho lexical-gramatical textual sinalizado, analisando fragmentos (trechos) desses textos e levando em consideração os princípios de textualidade, com foco na coesão por substituição.

O material selecionado foi um vídeo do Corpus da Libras da UFSC, do Inventário Nacional de Libras, especificamente do Projeto Surdos de Referência, que reúne uma coletânea de vídeos com surdos fluentes em Libras e que são reconhecidos na comunidade surda brasileira. O sinalizante se chama Rimar Ramalho, e o vídeo possui duração média de 19 minutos, apresentando a sua experiência de vida e educacional com a Libras. A sua escolha se deve ao fato de ser sinalizante nativos da Libras, como língua materna, e por ser filho de pais surdos. Vale ressaltar que esse vídeo⁶, oriundo do Corpus da Libras organizado pela UFSC, já havia sido transscrito pela própria equipe do projeto.



Uma versão editada do vídeo em Libras é fornecida no texto quando próximo ao exemplo houver o símbolo do QR CODE (), que direcionará o leitor para uma pasta online do *YouTube*.

A Língua Sistema-funcional (LSF) vem subsidiando teórica e metodologicamente a análise de questões relacionadas às escolhas léxico-gramaticais, semânticas e contextuais das narrativas do projeto Corpus de Libras. De acordo com Toolan (1988), por exemplo, uma narrativa sempre estará atrelada a um contexto de cultura (termo utilizado na LSF), ou seja, ao cenário sociocultural mais amplo.

Como ferramenta empregada na análise, utilizou-se o Eudico Language Annotator (ELAN), *software desenvolvido pelo Max Planck Institute of Psycholinguistics* da Holanda, recomendado para realizar a transcrição de dados em vídeos, pois possibilita a sincronia desse material (dado) com as transcrições mantendo a sua temporalidade (Leite; McCleary, 2013). No caso das línguas de sinais, essa ferramenta é indispensável, já que se expressa no corpo, nas mãos, no rosto e em um espaço quadrimensional, como mostrado nas Figura 3.

⁶ Características e informações: Santa Catarina - Florianópolis, Projeto Surdos de Referência, masculino 10, Câmera 01, 02 e 03, ano 2017. Entrevistado: Rimar Ramalho. Pesquisadora responsável: Ronice Muller de Quadros.

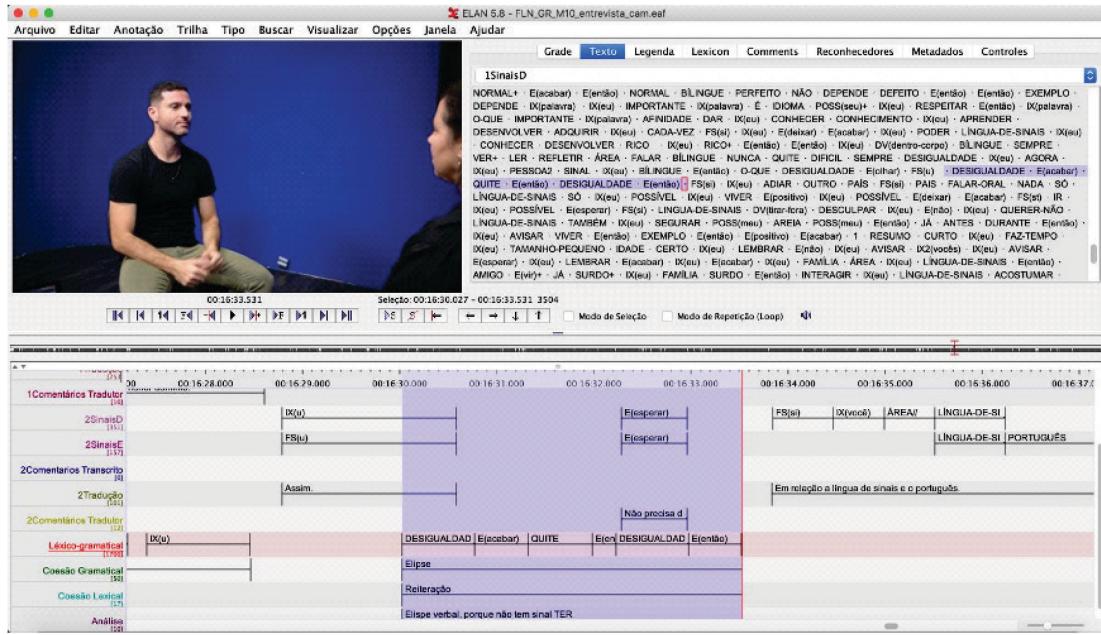


Figura 4: Interface do ELAN

Fonte: elaboração do autor

Apesar deste *software* atender satisfatoriamente aos anseios de uma análise de materiais multimídia, existe um impasse enfrentado por muitos pesquisadores e/ou usuários ao transcrever uma língua de sinais, que é quadrimensional, para uma linear, como o Português do Brasil. Para isso, é necessário articular um conjunto de notações simultaneamente às glosas. Contudo, urge a necessidade de um sistema de transcrição padronizado, objetivando facilitar e otimizar o trabalho entre quaisquer grupos de pesquisa (Quadros, 2016). Em função dessa ainda não uniformidade entre as transcrições, apresenta-se no Quadro 2 o significado dos respectivos símbolos utilizados.

SÍMBOLO	SIGNIFICADO
IX	Apontamento para pessoas, objetos. A localização está indicada por este símbolo (referente) seguido com as letras minúsculas. Exemplo: IX (eu).
+	Evidencia que o sinal possui reduplicação ou sequência repetida de movimentos, e que algo ocorreu com o padrão de movimento do sinal. Exemplo: o sinal EXPRESSAR apresenta dois movimentos na lateral do nariz. Quando existir mais movimentos, usa-se EXPRESSAR+.
-	Reflete que o sinal é estático, realizado no espaço sem movimento. Tal sinal se mantém por mais tempo. Exemplo: o sinal MÃE ser sinalizado no nariz sem movimento por um tempo mais longo. Por isso, MÃE_-.
DEM	Pronome demonstrativo, usando um dedo. Exemplo: DEM (lá).
DV	Representação para classificadores e/ou verbos descritores visuais. O detalhamento da construção visual é feito entre parênteses. Exemplo: DV (pegar-objeto).
E	Produção de emblemas altamente convencionados. E(negativo): polegar para baixo e E(positivo): polegar para cima.
FS	Denominar quando há soletração/datilologia. Exemplo: FS (Oba).
POSS	Pronome possessivo, seguido pelo referente com letras minúsculas. Exemplo: POSS(seu).
SINAL	Identificação em uso do sinal de alguma entidade (pessoa, animal, local). Exemplo: SINAL (concordia).
BOIA	Esse termo é proveniente de Scott Liddell ao definir a listagem como boias (LIDDELL, 2003).

Quadro 2: Símbolos e seu respectivo significado usado na transcrição

Fonte: Elaborado por Quadros (2016)

As trilhas elaboradas no *software ELAN* para a transcrição dos dados objetivaram trazer maior clareza, lucidez e detalhamento ao acessar o conteúdo sinalizado. Por isso, exemplificando, criou-se as trilhas para referenciar os sinais efetuados com a mão direita (Sinais-D) e a mão esquerda (Sinais-E) e foram articulados em função do tempo de sua produção. Este refinamento na transcrição contribui para a análise dos dados ao identificar, por exemplo, o movimento no tronco do sinalizante. A trilha denominada léxico-gramatical buscou evidenciar a relação existente entre os léxicos e a gramática, a partir de uma abordagem relacionada à semântica e à sintaxe.

Trata-se de procedimentos científicos para a análise dos dados percebidos pela observação empírica do fenômeno linguístico naquilo que se refere à capacidade dos atos de fala, das conversações, dos discursos da comunidade discursiva, das relações para com os tipos de coesão textual. Assim, a análise depende do modo de seleção e organização do corpus, da sua natureza material de pesquisa, alinhada ao modelo de Halliday e Hasan (1976) para referenciar a teoria da coesão.

A partir dos procedimentos de relações textuais destacado por Halliday e Hasan (1976), será possível buscar, no corpus sinalizado, apontamentos de coesão textual que dialoguem com as relações textuais, mais especificamente, no caso da substituição em Libras. Neste momento, subconjuntos dos procedimentos coesivos sinalizados serão explicitados.

Houve a sistematização das estruturas e/ou blocos de informações proferidos no discurso-enunciado, focando na coesão gramatical de substituição.

Novamente, todos esses materiais se alinham aos preceitos teóricos da metodologia qualitativa, uma vez que esta pretende extrair a compreensão quanto às sentenças, à sintaxe, ao uso e a forma da coesão gramatical por substituição, sendo, portanto, um eixo capaz de conduzir esta pesquisa para a identificação e análise dos dados, não implicando, necessariamente, na quantificação deles.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

É interessante verificar o discurso-enunciado em *role shift* (troca de papéis), que se torna uma forma de substituição na relação pai e menino surdo, na qual há repetição desses sinais na produção textual sinalizada. IX(eu) e IX(você) são pronomes pessoais e FS(pai) encaixa-se como fator de coesão referencial para comutar o *role shift* (troca de papéis) referente ao pronome anafórico IX(você), enquanto percebe-se o sujeito oculto do pai.

O *role shift* é um recurso gramatical produtivo nas línguas de sinais e é usado por meio da marcação no espaço e com o posicionamento do corpo, o movimento da face e as expressões faciais. Quando o sinalizante aplica o *role shift*, ele funciona como referente ao longo de todo o período no qual é mantido. Pode ser mantido intrasentencialmente ou intersentencialmente.

Esse operador, segundo Quer (2005) e Schlenker (2017), evidencia as mudanças de papéis nas línguas de sinais, marcadas morfossintaticamente por expressões não-manauais, como as seguintes: (i) interrupção temporária do contato visual com o interlocutor real e a mudança de direção do olhar para o interlocutor relatado; (ii) leve mudança da parte superior em direção ao locus associado ao autor do enunciado relatado; (iii) alteração na posição da cabeça; e (iv) expressão facial associada ao agente relatado.

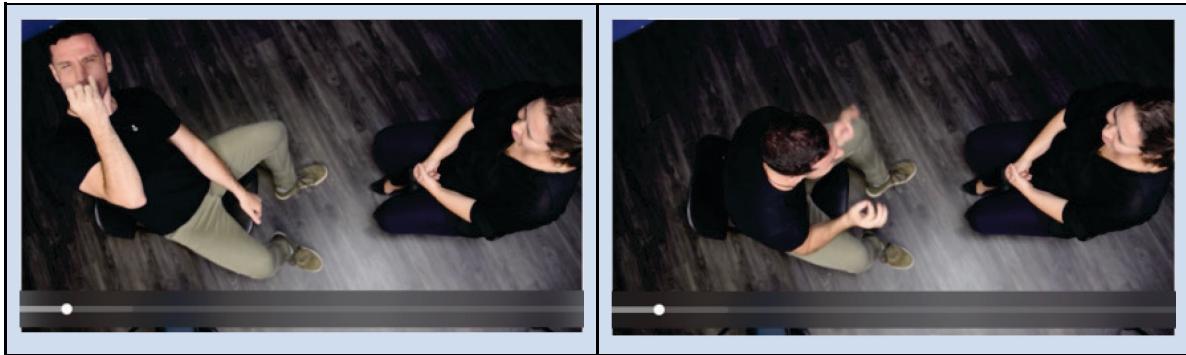


Figura 5: Câmera localizada na parte superior no Ação Role Shift.

Fonte: Elaborado pelo autor

Substituir um elemento (e.g., nominal, verbal e oracional) por outro é uma forma de evitar as repetições. Aprecia-se que a diferença entre a referência e a substituição está legitimada especialmente no fato de que a segunda tipologia de coesão acrescenta uma informação nova ao texto sinalizado, isto é, um mecanismo especial de ‘contexto shift’.

Os exemplos de discursos-enunciados (01), (02), (03) e (04) por alternâncias de papéis podem ser acessados pelo QR Code a seguir. Destaca-se ainda que em (01) houve a substituição de uma entidade nominal, PAI, pela incorporação, demonstrado no deslocamento do tronco e da interação visual do sinalizante, a fim de evitar as repetições no discurso. Esse recurso é utilizado por duas vezes, garantindo ao enunciado maior dinâmica informativa.

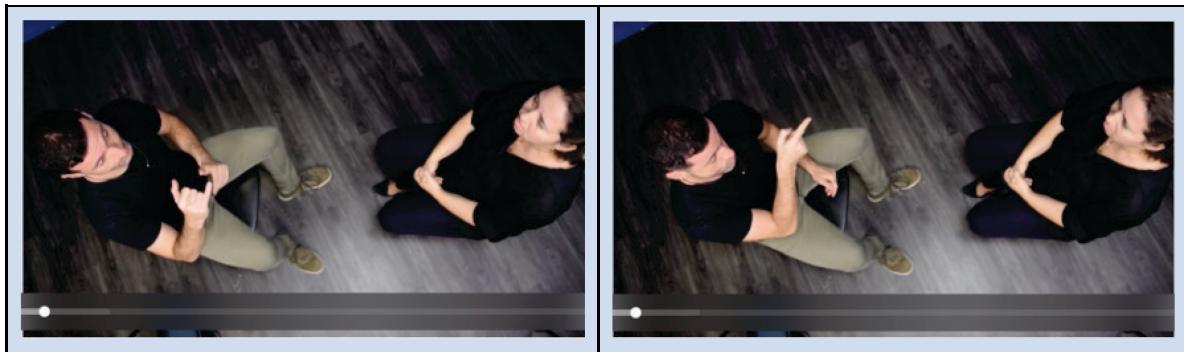


Figura 6: Câmera localizada na parte superior

Fonte: Elaborado pelo autor

Libras (01):



Tradução PB: Sim. Anteriormente meu pai havia me avisado que eu iria estudar. Não lembro a idade exata, entre quatro e cinco anos foi a primeira vez, foi no pré-primário. Quando pronto, segurei minha grande mochila e fui estudar. Dentro dela havia lápis, entre outros materiais. Peguei-a e fui estudar, de manhã cedo. Meu pai me levava. No pré-primário estudei junto a todos. Sentia-me bem, observava o local. Havia um professor com este sinal. Um bom professor, ele é ouvinte

Nesse exemplo (02) (Ele ficava realmente muito próximo a mim, falando muito perto de meu rosto. Eu ficava assustado, era diferente), o item *role shift IX (eu) DV (em frente)* exerce a função de substituir o sinal *IX(eu) DV(fazer-careta)*. Ou seja, *role shift IX(eu) DV (em frente)* é o elemento substituído devido a relação de incorporação. Em outras palavras, o sinal *PROFESSOR* é substituído pela movimentação e atitude de fazer-careta.

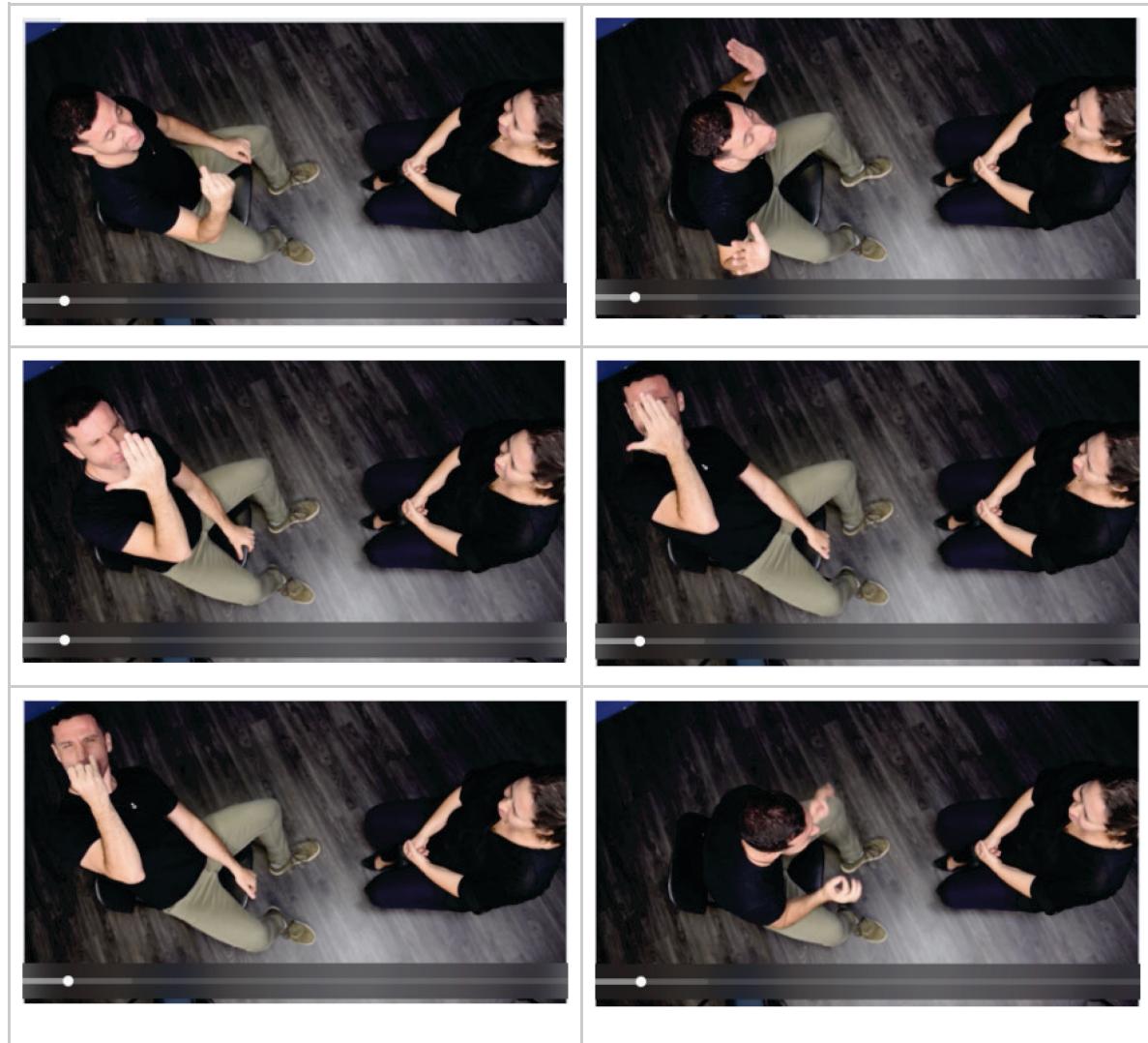


Figura 7: Câmera localizada na parte superior

Fonte: Elaborado pelo autor

Libras (02):



Tradução PB: Ele aproximava-se, ficando em minha frente, com essa feição. Ele ficava realmente muito próximo a mim, falando muito perto do meu rosto. Eu ficava assustado, era diferente. Em minha casa todos os familiares sinalizavam. Ele falava oralmente, assustava-me, isso ocorreu há tempos quando se usava a comunicação total.

Nesse exemplo (03) (Chamei meu pai para olhar o vizinho, isso há muito tempo. Ele falava, eu vi que ele era ouvinte), o item role shift IX (ele) FALAR IX(ele) FALAR exerce a função de substituir os sinais IX(eu) VER IX(eu) E(chamar) IX(eu) FS(pai) IX(eu) E(chamar) IX(pessoa) IX(eu) FS(pai) FAZ-TEMPO SINAL DIFERENTE FAZ-TEMPO. O role shift IX(eu) DV (em frente) é o elemento substituído no segundo período, conforme pode ser verificado no QR Code disponibilizado a seguir.

Libras (03):



Tradução PB: Vou contar para vocês. Não lembro, minha família sinaliza. Um amigo veio até minha casa, já sabia que sou surdo, minha família também e era acostumado com a sinalização. Um tempo depois, em um dia, meu vizinho que morava em um apartamento eu o vi e o achei estranho, diferente. Chamei meu pai para olhar o vizinho, isso há muito tempo. Meu pai disse que o vizinho fala, estava falando. Ele era ouvinte.

No caso de substituição, o *role shift* é uma espécie de elemento neutro usado para evitar a repetição de um mesmo significante. Na passagem (04), que pode ser acessada pelo QR Code, não há identidade de referência como um elemento textual sinalizado quando não se sabe quem seria a pessoa a falar no telefone. No entanto, há a incorporação do PAI para se referenciar à possível ajuda às pessoas ouvintes.



Figura 8. Câmera localizada na parte superior.

Fonte: Elaborado pelo autor

Libras (04):



Tradução PB: O vizinho falava ao telefone. Aquilo era diferente, percebi que ele era ouvinte. Minha mãe deu esse sinal, ele era doente. Eu vi e parecia justo, eu e outros surdos somos corretos. Por ele ser ouvinte parecia ser um coitado. Coitado, por não saber a língua de sinais. Precisava de ajuda, mas como ajudar? Meu pai me disse para ensinar. Coitado, comecei, mas deixei de lado um tempo depois. A maioria dos ouvintes usavam palavras e frases como, surdo mudo. Surdo é louco. Surdo é doente. Não, várias palavras. Quando eu era pequeno, ao ver um ouvinte achava que ele era deficiente. Eu via um surdo e me via como surdo. Não sou deficiente. Esse foi o resumo da minha vida.

A coesão por substituição em Libras é uma relação definida com poucas considerações no tocante ao plano semântico. Todavia, tal mecanismo espacial tende a acompanhar a classe gramatical do item substituído. Verificamos que na pesquisa em Língua Brasileira de Sinais tem havido um interesse de longa mudança de função, marcada por mudança corporal e de descolamento do olho, o que torna a perspectiva de cada indivíduo a relação de coesão por substituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada para a construção deste trabalho, inserido no espectro da linguística das Línguas de Sinais, permitiu ampliar os horizontes quanto à concepção e à funcionalidade dos textos, sobretudo em relação à coesão textual na Libras e seus respectivos conectivos, possibilitando um maior aprofundamento no tema da coesão gramatical por substituição. Para embasar essa discussão, que compreende a coesão enquanto fenômeno organizacional da língua, apresentando questões de cunho semântico (significado) e léxico-gramatical (forma), Halliday e Hasan (1976) foram acionados.

O processo metodológico descritivo e interpretativo pautou-se pela exposição de exemplos e na análise de textos, oriundos do Corpus da Libras, produzidos por surdo em sequências textuais em que a língua seja contemplada em sua forma viva, como a narração da trajetória da vida dele, por considerar que tais recursos coesivos são importantes para o encadeamento das ideias. Ainda, diante dos apontamentos de Slobin (2015), é necessário acrescentar, no respectivo corpus, a transcrição de glosas como compartimentação, corporal, sub-rogados, boias, morfemas-íon, mapeamento icônico, verbos indicadores, formas manuais interativas e não-interativas, símbolos ricamente convencionalizados, dentre outros.

É válido ressaltar que, em línguas de modalidade gestual-visual, parâmetros linguísticos como as expressões não-manais e paralinguísticos, como a prosódia, contribuem para o estabelecimento de relações coesivas. Assim, na Libras, conforme detectado nos dados apresentados neste trabalho, há maior evidência da relação lógica-semântica e da semântica-sintática.

Acredita-se que a análise da coesão gramatical, aqui discutida somente no caso da substituição, pode trazer grandes contribuições para uma melhor compreensão no ensino da Libras, seja como primeira língua, seja como segunda, no que tange à sua estrutura linguística e às funções que essas orações em línguas de sinais assumem em contextos reais de uso. Apostava-se também que, com este artigo, conseguiremos mudar as visões a respeito do valor de uma linguística textual sinalizada em detrimento de uma perspectiva meramente semântica e sentencial para o estudo da língua e da coesão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, W. T. L.; AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F. O uso da repetição na escrita pelos surdos. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, Santa Catarina, v. 11, n. 2, p. 241-262, 2011.

ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ALMEIDA, E. O. C; FILASI, C. R.; ALMEIDA, L. C. Coesão textual na escrita de um grupo de adultos surdos usuários da Língua de Sinais Brasileira. *Revista CEFAC*, São Paulo, v.11, n.3, p. 428-437, 2009.

ARONOFF, M.; MEIR, I.; PADDEN, C.; SANDLER, W. The paradox of sign language morphology. *Language*, v. 81, n. 2, p. 301-344, 2005.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2002.

BRITO, L. F. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. SP: Edições 70, 2011.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. *Introduction to Textlinguistics*. London: Longman, 1981.

BRENTARI D. *A Prosodic Model of Sign Language Phonology*. Cambridge, MA: MIT Press; 1998.

DONNELLY, C. *Linguistics for writers*. Buffalo: SUNY Press, 1994.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2004.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2002.

FELIPE, T. A. *O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua de sinais dos centros urbanos do Brasil (LSCB)*. 1988. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Altas, 1999.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. New York, Edward Arnold, 2014.

JACKSON, H. *Grammar and Meaning. A Semantic Approach to English Grammar*. London/New York: Longman, 1990.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

KOCH, I. G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

LABOV, W., WALETZKY, J. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts* Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 354-396.

LAKATOS, E. M.; MARCONI. M. A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1996.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A.; McCLEARY, L. A identificação de unidades gramaticais na Libras: uma proposta de abordagem baseada-no-uso. *Revista Todas as Letras*, v.15, n.1, p. 62-87, 2013.

LIDDELL, S. K. Nonmanual signals and relative clauses in American Sign Language. In: SIPPLE, P (org.). *Understanding language through sign language research*. New York: Academic Press, 1978. p. 59-90.

LIDDELL, S. Four Functions of a Locus: Reexamining the Strucutre of Space in ASL. In: LUCAS, C. (ed.). *Sign Language Research: Theoretical Issues*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 1990. p.176-198.

LIDDELL, S. *Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Studies, 2003.

LIDDELL, S.; JOHNSON, R. American Sign Language: The Phonological Base. *Sign Language Studies*, v. 64, p. 195-277,1989.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: que é e como se faz?* Recife: UFPE, 1983.

MEIRELLES, V.; SPINILLO, A. G. Uma análise da coesão textual e da estrutura narrativa em textos escritos por adolescentes surdos. *Estudos de Psicologia*, v.9, p. 131-134, 2004.

MORGAN, G. *The development of discourse cohesion in British Sign Language*. 1998. 312 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Bristol, 1998.

MORGAN, G. Discourse cohesion in sign and speech. *International Journal of Bilingualism*, v.4, n.3, p. 279-300, 2000.

MEIER, R. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In: MEIER, R.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (ed.). *Modality and Structure in Signed and Spoken Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 296-320.

MINAYO, M. C. DE S. *Pesquisa qualitativa: teoria, planejamento e realização*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NUNAN, D. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PERRY JUNIOR., F. L. *Research in Applied Linguistics: becoming a discerning consumer*. 3rd ed. London, New York. Routledge, 2017.

POLKIN-GHORNE, J. *Title of the Work*. Publisher, 1988.

QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. *Revista Leitura*, v.1, n. 57, p. 8-34, jan/jun 2016.

QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS), Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M. de; KARNOP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (org.). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 13-34.

QUER, J. Context shift and indexical variables in sign languages. In: SALT XV. Mar. 2005, 25-27, University of California, Los Angeles. *Proceedings [...] Ithaka*, NY: Cornell University, 2005. p. 152-168.

RISSMAN, J. *Narrative and the nature of mind*. New York: Oxford University Press, 1993.

RODRIGUES, C. H. *A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. 2013. 255f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SANDLER, W; LILLO-MARTIN. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge University Press, 2006.

SANTOS, L.F.M. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHLECKER, P. Super monsters 1: Attitude and Action Role Shift in sign languages. *Semantics and Pragmatics*, v. 10, n. 9, p. 1-30, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3765/sp.10.9> Acesso em: 11 set. 2024.

SUPALLA, T. *Structure of American Sign Language*. 2020. Disponível em: <https://www.edx.org/bio/ted-supalla>. Acesso em: 2 fev. 2020.

SLOBIN, D. S. Quebrando modelos: as línguas de sinais e a natureza da linguagem humana. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 12, n. 3, p.844-853, jul/set. 2015

STOKOE, W. *Sign language structure. An outline of the visual communication systems of the American Deaf*. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1960.

TERVOORT, S. J. *Structurele analyse van visueel taalgebruik binnen een groep dove kinderen*. 1953. Doctoral dissertation, Universiteit van Amsterdam. Amsterdam: N.V. Noordhollandsche Uitgevers Maatschappij, 1953.

TOOLAN, M. *Narrative: A critical linguistic introduction*. London: Routledge, 1988.

VERGARA, S. C. *Método de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

WILBUR, R. B. Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (org.). *The signs of language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

WINSTON, E. A. Spatial referencing and cohesion in an american sign language text. *Sign Language Studies*, Linstok Press, v. 74, p. 397-409, 1991.



Recebido em 28/04/2023. Aceito em 23/05/2024.